

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO VI

JUNHO DE 1863

Nº 6



Princípio da Não-Retrogradação dos Espíritos^{19, 20}

Tendo sido levantadas várias vezes questões sobre o princípio da não-retrogradação dos Espíritos, princípio diversamente interpretado, vamos tentar resolvê-las. O Espiritismo quer ser claro para todos e não deixar aos seus futuros adeptos nenhum motivo para discussão de palavras. Por isso todos os pontos susceptíveis de interpretação serão elucidados sucessivamente.

Os Espíritos não retrogradam, no sentido de que nada perdem do progresso realizado. Podem ficar momentaneamente estacionários, mas de bons não podem tornar-se maus, nem de sábios, ignorantes. Tal o princípio geral, que só se aplica ao estado moral e não à situação material, que de boa pode tornar-se má se o Espírito a tiver merecido.

Façamos uma comparação. Suponhamos um homem do mundo, instruído, mas culpado de um crime que o conduz às

19 **N. do T.:** Vide *O Livro dos Espíritos*, Livro II, Capítulo IV, questões 193 e 194.

20 **Nota da Editora:** Ver “Nota Explicativa”, p. 521.

galés. Certamente há para ele uma grande descida como posição social e como bem-estar material. À estima e à consideração sucederam o desprezo e a abjeção. E, contudo, ele nada perdeu quanto ao desenvolvimento da inteligência; levará à prisão as suas faculdades, os seus talentos, os seus conhecimentos. É um homem decaído e é assim que devem ser compreendidos os Espíritos decaídos. Pode Deus, pois, ao cabo de um certo tempo de prova, retirar de um mundo onde não terão progredido moralmente aqueles que o tiverem *desconhecido*, que se houverem rebelado contra as suas leis, para mandar que expiem os seus erros e o seu endurecimento num mundo inferior, entre seres ainda menos adiantados. Aí serão o que antes eram, moral e intelectualmente, mas numa condição infinitamente mais penosa, pela própria natureza do globo e, sobretudo, pelo meio no qual se acharão. Numa palavra, estarão na posição de um homem civilizado, forçado a viver entre os selvagens, ou de um homem muito distinto, condenado à sociedade dos degredados. Perderam a posição e as vantagens, mas não regrediram ao estado primitivo. De homens adultos não se tornaram crianças. Eis o que se deve entender pela não-retrogradação. Não tendo aproveitado o tempo, é para eles um trabalho a recomeçar. Em sua bondade, Deus não os quer deixar por mais tempo entre os bons, cuja paz perturbam. Eis por que os envia entre homens que terão por missão fazer estes últimos progredirem, ensinando-lhes o que sabem. Por esse trabalho poderão eles próprios se adiantarem e resgatarem suas dívidas, expiando as faltas passadas, como o escravo que pouco a pouco economiza para um dia comprar a liberdade. Mas como o escravo, muitos só economizam dinheiro, em vez de entesourar virtudes, as únicas que podem pagar o resgate.

Esta a situação, até agora, de nossa Terra, mundo de expiação e de prova, onde a raça adâmica, raça inteligente, foi exilada entre as raças primitivas inferiores, que a habitavam antes. Esta a razão pela qual há tantas amarguras aqui, amarguras que estão longe de sentir no mesmo grau os povos selvagens.

Certamente há retrogradação do Espírito no sentido de que retarda seu progresso, mas não do ponto de vista das aquisições, em razão das quais e do desenvolvimento de sua inteligência, sua decadência social é mais penosa. É assim que o homem do mundo sofre mais num meio abjeto do que aquele que sempre viveu na lama.

Conforme um sistema que tem algo de especioso à primeira vista, os Espíritos não teriam sido criados para encarnarem e a encarnação seria tão-somente o resultado de sua falta. Tal sistema cai pela mera consideração de que se nenhum Espírito tivesse falido, não haveria homens na Terra, nem em outros mundos. Ora, como a presença do homem é necessária para o melhoramento material dos mundos; como ele concorre por sua inteligência e atividade para a obra geral, ele é uma das engrenagens essenciais da Criação. Deus não poderia subordinar a realização desta parte de sua obra à queda eventual de suas criaturas, a menos que contasse para tanto com um número sempre suficiente de culpados, de modo a alimentar de operários os mundos criados e por criar. O bom-senso repele tal idéia.

A encarnação é, pois, uma necessidade para o Espírito que²¹, realizando a sua missão providencial, trabalha seu próprio adiantamento pela atividade e pela inteligência, que deve desenvolver, a fim de prover à sua vida e ao seu bem-estar. Mas a encarnação torna-se uma punição quando o Espírito, não tendo feito o que devia, é constrangido a recomençar sua tarefa, multiplicando penosas existências corporais por sua própria culpa. Um estudante não é graduado senão depois de ter passado por todas as classes. Essas classes são um castigo? Não: são uma necessidade, uma condição indispensável de seu progresso. Mas se, pela preguiça, for obrigado a repeti-las, aí está a punição. Poder passar em algumas é um mérito. O que, pois, é certo é que a encarnação na Terra é uma punição para muitos dos que a habitam, porque poderiam tê-la evitado, ao passo que talvez tenham

21 N. do T.: Vide *O Evangelho segundo o Espiritismo*, capítulo IV, item 25.

dobrado, triplicado e centuplicado a existência por sua própria culpa, assim retardando sua entrada em mundos melhores. O que é errado é admitir em princípio a encarnação como um castigo.

Outra questão muitas vezes aventada é esta: Como o Espírito foi criado simples e ignorante, com a liberdade de fazer o bem ou o mal, não haveria queda moral para aquele que tomasse o mau caminho, desde que chega a fazer o mal que antes não fazia?

Esta proposição não é mais sustentável que a precedente. Só há queda na passagem de um estado relativamente bom a um pior. Ora, criado simples e ignorante, o Espírito está, em sua origem, num estado de nulidade moral e intelectual como a criança que acaba de nascer. Se não fez o mal, também não fez o bem. Nem é feliz, nem infeliz. Age sem consciência e sem responsabilidade. Desde que nada tem, nada pode perder, como não pode retrogradar. Sua responsabilidade não começa senão no momento em que se desenvolve o seu livre-arbítrio. Seu estado primitivo não é, pois, um estado de inocência inteligente e raciocinada. Conseqüentemente, o mal que fizer mais tarde, infringindo as leis de Deus, abusando das faculdades que lhe foram dadas, não é um retorno do bem ao mal, mas a conseqüência do mau caminho por onde se embrenhou.

Isto nos conduz a outra questão. Por exemplo: É possível que Nero, na sua encarnação como Nero, possa ter feito mais mal que na sua precedente existência? A isto respondemos sim, o que não implica que na existência em que tivesse feito menos mal fosse melhor. Antes de tudo, o mal pode mudar de forma sem ser pior ou menos mal. A posição de Nero, como imperador, tendo-o posto em evidência, o que ele fez ficou mais notado; numa existência obscura pôde ter cometido atos igualmente repreensíveis, conquanto em menor escala, e que passaram despercebidos. Como soberano, pôde mandar incendiar uma cidade; como particular pôde queimar uma casa e fazer perecer a

família. Tal assassino vulgar, que mata alguns viandantes para os despojar, se estivesse no trono seria um tirano sanguinário, fazendo em grande escala o que sua posição só lhe permite fazer em escala reduzida.

Considerando a questão de outro ponto de vista, diremos que um homem pode fazer mais mal numa existência que na precedente, mostrar vícios que não tinha, sem que isto implique uma degenerescência moral. Muitas vezes são as ocasiões que faltam para fazer o mal, quando o princípio existe latente; surge a ocasião e os maus instintos se descobrem. A vida ordinária nos oferece numerosos exemplos: tal homem, que era tido como bom, de repente exhibe vícios que ninguém suspeitava, e que causam admiração; é simplesmente porque soube dissimular ou porque uma causa provocou o desenvolvimento do mau germe. É indubitável que aquele em que os bons sentimentos estão fortemente arraigados nem mesmo tem o pensamento do mal; quando tal pensamento existe, é que o germe existe: muitas vezes só falta a execução.

Depois, como dissemos, embora sob diferentes formas o mal não deixa de ser o mal. O mesmo princípio vicioso pode ser a fonte de uma imensidade de atos diversos, provenientes de uma mesma causa. O orgulho, por exemplo, pode fazer cometer grande número de faltas, às quais se está exposto, enquanto o princípio radical não for extirpado. Pode, pois, o homem, numa existência, ter defeitos que não se tinham manifestado numa outra e que não passam de conseqüências variadas de um mesmo princípio vicioso. Para nós, Nero é um monstro, porque cometeu atrocidades. Mas acreditais que esses homens – pérfidos, hipócritas, verdadeiras víboras que semeiam o veneno da calúnia, despojam as famílias pela astúcia e pelo abuso de confiança, que cobrem suas torpezas com a máscara da virtude para chegarem com mais segurança a seus fins e receberem elogios, quando só merecem a execração – valham mais do que Nero? Com certeza, não. Serem reencarnados

num Nero para eles não seria um retrocesso, mas uma ocasião para se mostrarem sob nova face. Como tais, exhibirão os vícios que ocultavam; ousarão fazer pela força o que faziam pela astúcia, eis toda a diferença. Mas essa nova prova lhes tornará o castigo ainda mais terrível se, em vez de aproveitar os meios que lhes são dados para reparar, deles se servirem para o mal. E, entretanto, por pior que seja, cada existência é uma oportunidade de progresso para o Espírito: ele desenvolve a inteligência, adquire experiência e conhecimentos que, mais tarde, o ajudarão a progredir moralmente.

Algumas Refutações

(2º artigo – Ver o número de maio)

Toda idéia nova encontra forçosamente oposição, por parte daqueles cujas opiniões e interesses contraria. Julgam alguns que a Igreja está comprometida – pensamos que não, mas nossa opinião não faz lei – razão por que nos atacam em seu nome com um furor ao qual só faltam as grandes execuções da Idade Média. Os sermões, as instruções pastorais lançam raios em todas as direções; as brochuras e artigos de jornais chovem em grande quantidade, na maioria com um cinismo de expressão pouquíssimo evangélico. Em vários deles é um raio que toca o frenesi. Por que, então, essa exibição de força e tanta cólera? Porque dizemos que Deus perdoa à criatura que se arrepende e que as penas só seriam eternas para aquelas que jamais se arrependessem, e porque proclamamos a bondade e a clemência de Deus, somos heréticos votados à execração e a sociedade está perdida. Apontam-nos como perturbadores; desafiam a autoridade a nos perseguir em nome da moral e da ordem pública; alegam que aquela não cumpre o seu dever deixando-nos tranqüilos!

Aqui se apresenta um problema interessante. Pergunta-se por que essa violência contra o Espiritismo, e não contra tantas outras teorias filosóficas ou religiosas muito menos ortodoxas? A

Igreja fulminou o materialismo, que tudo nega, como o faz contra o Espiritismo, que se limita à interpretação de alguns dogmas? Esses dogmas e muitos outros não foram tantas vezes negados, discutidos, polemizados numa porção de escritos que ela deixa passar despercebidos? Os princípios fundamentais da fé – Deus, a alma e a imortalidade – não foram publicamente atacados sem que ela se perturbasse? Jamais o saint-simonismo, o fourierismo, a própria Igreja do padre Chatel levantaram tantas cóleras, sem falar de outras seitas menos conhecidas, tais como os *fusionistas*, cujo chefe acaba de morrer, que têm um culto, seu jornal e não admitem a divindade do Cristo; os *católicos apostólicos*, que não reconhecem o papa, que têm seus padres e bispos casados, suas igrejas em Paris e nas províncias, onde batizam, casam e promovem cerimônias fúnebres. Por que, então, o Espiritismo, que não tem culto nem igreja, e cujos padres só existem na imaginação, levanta tanta animosidade? Coisa bizarra! o partido religioso e o partido materialista, que são a negação um do outro, dão-se as mãos para nos *pulverizar*, segundo dizem. Realmente o espírito humano apresenta caprichos singulares quando enceguecido pela paixão, e a história do Espiritismo terá coisas divertidas para registrar.

A resposta está por inteiro nesta conclusão da brochura do Rev. Pe. Nampon²²: “Em geral nada é mais *abjeto, mais degradante, mais vazão de fundo e de atrativo na forma que tais publicações, cujo sucesso fabuloso é um dos sintomas mais alarmantes de nossa época*. Destruí-os, pois, e nada perdereis com isso. Com o dinheiro gasto em Lyon para essas inépcias, facilmente se teriam criado mais leitos nos hospitais de alienados, superlotados desde a invasão do Espiritismo. E que faremos dessas brochuras perniciosas? Faremos o mesmo que fez o grande apóstolo em Éfeso; e assim agindo conservaremos em nosso meio o império da razão e da fé, preservando as vítimas dessas lamentáveis ilusões

22 Discurso pregado na igreja primacial de São João Batista, na presença de Sua Eminência o cardeal arcebispo de Lyon, nos dias 14 e 21 de dezembro de 1862, pelo reverendo padre Nampon, da Companhia de Jesus, pregador do Advento.

de uma porção de decepções na vida presente e das chamas da eternidade infeliz.”

Esse *sucesso fabuloso* é que confunde os nossos adversários. Eles não podem compreender a inutilidade de tudo quanto fazem para travar essa idéia que passa por cima de suas ciladas, endireita-se sob os seus golpes e prossegue sua marcha ascendente sem se preocupar com as pedras que lhe atiram. Isto é um fato indubitável e constatado muitas vezes pelos adversários desta ou daquela categoria, em suas prédicas e publicações. Todos deploram *o progresso incrível dessa epidemia, que ataca até os homens de ciência, os médicos e os magistrados*. Na verdade é preciso voltar do Texas para dizer que o Espiritismo está morto e ninguém mais fala dele. (Vide a *Revista* de fevereiro de 1863.)

Que fazemos para triunfar? Vamos pregar o Espiritismo nas praças? Convocamos o público às nossas reuniões? Temos missionários de propaganda? Contamos com o apoio da imprensa? Temos, enfim, todos os meios de ação, ostensivos e *secretos*, que possuíis e usais com tanta prodigalidade? Não; para recrutar partidários temos mil vezes menos trabalho do que vós para os desviar. Contentamo-nos em dizer: “Lede; e se isto vos convém, voltai a nós.” Fazemos mais, dizendo: “Lede os pró e os contras e comparai.” Respondemos aos vossos ataques sem fel, sem animosidade, sem acrimônia, porque não temos cólera. Longe de nos lamentarmos da vossa, nós a aplaudimos, porque ela serve à nossa causa. Eis entre milhares uma prova da força persuasiva dos argumentos dos nossos adversários. Um senhor que acaba de escrever à Sociedade de Paris, pedindo para dela fazer parte, assim começa sua carta: “A leitura de: *A Questão do Sobrenatural, os mortos e os vivos*, do Padre Matignon; *A Questão dos Espíritos*, do Sr. de Mirville; *O Espírito batedor*, do Dr. Bronson, e, finalmente, diversos artigos contra o Espiritismo, não fizeram senão que eu aderisse completamente à doutrina exposta em *O Livro dos Espíritos* e me deram o mais vivo desejo de fazer parte da Sociedade Espírita de

Paris, para poder continuar o estudo do Espiritismo de maneira mais seguida e mais proveitosa.”

Por vezes a paixão cega, a ponto de fazer cometer singulares inconseqüências. Na passagem citada acima, o Rev. Pe. Nampon diz que “*nada é mais vazão de atrativo que essas publicações, cujo sucesso fabuloso, etc.*” Não percebe ele que essas duas proposições se destroem reciprocamente; uma coisa sem atrativo não poderia ter nenhum sucesso, porquanto só o terá com a condição de ter atrativo; com mais forte razão quando o sucesso é fabuloso.

Acrescenta que com o dinheiro gasto em Lyon com essas inépcias, facilmente teriam sido criados mais leitos nos hospícios de alienados daquela cidade, superlotados desde a invasão do Espiritismo. É verdade que seriam precisos trinta a quarenta mil leitos, só em Lyon, já que todos os espíritas são loucos. Por outro lado, visto que são *inépcias*, nenhum valor possuem. Por que, então, lhes dar as honras de tantos sermões, pastorais e brochuras? Quanto à questão do emprego de dinheiro, sabemos que em Lyon muita gente, por certo animada de maus sentimentos, havia dito que os dois milhões fornecidos por esta cidade aos cofres de São Pedro teriam dado mais pão a muitos operários infelizes durante o inverno, ao passo que a leitura dos livros espíritas lhes deu coragem e resignação para suportar sua miséria sem revolta.

O Pe. Nampon não é feliz em suas citações. Numa passagem de *O Livro dos Espíritos* ele nos faz dizer: “Há tanta distância entre a alma do animal e a alma do homem, *quanto entre a alma do homem e a alma de Deus.*” (N^o 597). Nós dissemos: *...quanto entre a alma do homem e Deus*, o que é muito diferente. *A alma de Deus* implica uma espécie de assimilação entre Deus e as criaturas corpóreas. Compreende-se a omissão de uma palavra por inadvertência ou erro tipográfico; mas não se acrescenta uma

palavra sem intenção. Por que essa adição, que desnatura o sentido do pensamento, senão para dar um tom materialista aos olhos dos que se contentarem em ler a citação sem a verificar no original? Um livro que apareceu pouco antes de *O Livro dos Espíritos*, e que contém toda uma teoria cosmogônica, faz de Deus um ser muito diversamente material, porque composto de todos os globos do Universo, moléculas do ser universal, que tem um estômago, come e digere, e do qual os homens são o mau produto de sua digestão; contudo, nem uma palavra foi dita para o combater: todas as cóleras se concentraram sobre *O Livro dos Espíritos*. Será, talvez, porque em seis anos chegou à décima edição e espalhou-se em todos os países do mundo?

Não se contentam em criticar: truncam e desnaturam as máximas para aumentar *o horror que deve inspirar essa abominável doutrina* e nos pôr em contradição conosco mesmo. É assim que diz o Pe. Nampon, citando uma frase da introdução de *O Livro dos Espíritos*, página XXXIII: “*Certas pessoas, dizei vós mesmos, entregando-se a esses estudos perderam a razão.*” Damos assim a impressão de reconhecer que o Espiritismo conduz à loucura, ao passo que, lendo todo o parágrafo XV, a acusação cai precisamente sobre aqueles que a lançam. É assim que, tomando um trecho da frase de um autor, poderíamos levá-lo à forca. Os mais sagrados autores não escapariam a essa dissecação. É com tal sistema que certos críticos esperam mudar as tendências do Espiritismo e fazer crer que ele preconiza o *aborto*, o *adultério*, o *suicídio*, quando demonstra peremptoriamente a sua criminalidade e as funestas conseqüências para o futuro.

O Pe. Nampon chega mesmo a apropriar-se de citações feitas com o objetivo de refutar certas idéias. “O autor – diz ele – às vezes chama Jesus-Cristo Homem-Deus; mas alhures (*O Livro dos Médiuns*, página 368), num diálogo com um *médium* que, tomando o nome de Jesus lhe dizia: “Eu não sou Deus, mas sou seu filho”, logo replica: “Então sois Jesus? Sim – acrescenta o Pe.

Nampon – Jesus é chamado Filho de Deus, mas na acepção ariana, não sendo, portanto, consubstancial com o Pai.”

Antes de mais, não era o *médium* que se fazia passar por Jesus, mas um Espírito, o que é muito diferente. A citação é feita precisamente para mostrar a velhacaria de certos Espíritos e prevenir os médiuns contra seus subterfúgios. Pretendeis que o Espiritismo negue a divindade do Cristo ou vistes tal proposição formulada em princípio? É, dizeis vós, a consequência de toda a doutrina. Ah! se entrarmos no terreno das interpretações, poderemos ir mais longe do que quereis. Se disséssemos, por exemplo, que o Cristo não tinha chegado à perfeição, que teve necessidade das provas da vida corpórea para progredir; que a sua paixão lhe tinha sido necessária para subir em glória, teríeis razão, porque dele não faríamos sequer *um Espírito puro*, enviado à Terra com missão divina, mas *um* simples mortal, a quem o sofrimento era necessário, a fim de progredir. Onde encontrais que tenhamos dito isto? Pois bem! aquilo que nunca dissemos, que jamais diremos, sois vós que dizeis.

Ultimamente temos visto, no parlatório de uma casa religiosa de Paris, a seguinte inscrição, impressa em letras grandes e afixada para a instrução de todos: “*Foi preciso que o Cristo sofresse para entrar na sua glória, e não foi senão depois de ter bebido a longos sorvos na torrente da tribulação e do sofrimento que foi elevado ao mais alto dos céus.*” (Salmo 109, v. 8.) É o comentário deste versículo, cujo texto é: “*Ele beberá no caminho a água da torrente e é por ali que erguerá a cabeça (De torrente in via bibet: propterea exultabit caput)*”²³. Se, pois, “*foi preciso que o Cristo sofresse para entrar na sua glória; se não pôde ser elevado ao mais alto dos céus senão pelas tribulações e pelo sofrimento*”, é que antes nem estava na glória nem no mais alto dos céus; por conseguinte não era Deus. Seus sofrimentos, pois, não aproveitavam somente à Humanidade, desde que necessários ao seu próprio adiantamento. Dizer que o Cristo tinha necessidade de

23 N. do T.: O comentário referido não corresponde ao salmo citado.

sofrer para elevar-se é dizer que não era perfeito antes de sua vinda. Não conhecemos protesto mais enérgico contra a sua divindade. Se tal é o sentido do versículo do salmo que se canta nas *vésperas*²⁴, todos os domingos cantam a não divindade do Cristo.

Com o sistema de interpretação vai-se muito longe, dizíamos nós. Se quiséssemos citar a de alguns concílios sobre este outro versículo: “*O Senhor está a vossa direita; ele destruirá os reis no dia de sua cólera*”, seria fácil provar que daí foi tirada a justificação do regicídio.

Diz ainda o Pe. Nampon: “A vida muda inteiramente de aspecto (com o Espiritismo). A imortalidade da alma reduz-se a uma permanência material, sem identidade moral, sem consciência do passado.”

É um erro. O Espiritismo jamais disse que a alma ficasse sem consciência do passado. Ela perde momentaneamente a sua lembrança durante a vida corpórea, mas “quando o Espírito volta à vida anterior (a vida espírita), diante dos olhos se lhe estende toda a sua vida pretérita. Vê as faltas que cometeu e que deram causa ao seu sofrer, assim como de que modo as teria evitado. Reconhece justa a situação em que se acha e busca então uma existência capaz de reparar a que acaba de transcorrer.” (*O Livro dos Espíritos*, nº 393). Uma vez que há lembrança do passado, consciência do ser, há, então, identidade moral; desde que a *vida espiritual* é a vida normal do Espírito, que as existências corpóreas não passam de pontos na vida espírita, a imortalidade não se reduz a uma *permanência material*. Como se vê, o Espiritismo diz exatamente o contrário. Desnaturando-o assim, o Pe. Nampon não tem a desculpa da ignorância, porque suas citações provam que leu, mas se equivoca ao truncar citações e ao fazê-lo dizer o contrário do que diz.

24 **N. do T.:** Na liturgia católica, a parte do ofício divino que ocorre à tarde, entre 15 e 18 horas. (Grifo nosso).

O Espiritismo é acusado por alguns de estribar-se no mais grosseiro materialismo, porque admite o perispírito, que tem propriedades materiais. É ainda uma falsa conseqüência, tirada de um princípio referido incompletamente. O Espiritismo jamais confundiu a *alma* com o *perispírito*, que não passa de um envoltório, como o corpo é um outro. Tivesse ela dez envoltórios e isto nada tiraria à sua essência imaterial. Já o mesmo não se dá com a doutrina adotada pelo concílio de Viena, no Dauphiné, na sua segunda sessão, em 3 de abril de 1312. Segundo essa doutrina, “a autoridade da Igreja ordena crer que a alma não passa da forma substancial do corpo; que não há idéias inatas e declara heréticos os que negarem a materialidade da alma.” Raul Fornier, professor de Direito ensina positivamente a mesma coisa em seus discursos acadêmicos, impressos em Paris em 1619, com aprovação e elogios de vários doutores em teologia.

É provável que o concílio, baseando-se nos fatos de numerosas manifestações espíritas visíveis e tangíveis, referidas nas Escrituras, manifestações que não deixam de ser materiais, pois ferem os sentidos, tenha confundido a alma com o envoltório fluídico ou perispírito, cuja distinção o Espiritismo demonstra. Sua doutrina é, pois, menos materialista que a do concílio.

“Mas abordemos sem hesitar o homem da França, que é o mais adiantado nesses estudos. *Para constatar a identidade do Espírito que fala*, é preciso, diz o Sr. Allan Kardec, *estudar sua linguagem*. Pois bem! Que seja! Conhecemos por seus escritos autênticos o pensamento certo e, conseqüentemente, a *linguagem* de São João, São Paulo, Santo Agostinho, Fénelon, etc. Como, pois, em vossos livros, ousais atribuir a esses grandes gênios pensamentos e sentimentos inteiramente contrários aos que ficaram para sempre consignados em suas obras?”

Assim, admitis que essas personagens em nada se enganaram; que tudo quanto escreveram é a expressão da verdade; que se hoje voltassem corporalmente deveriam ensinar tudo o que

ensinaram outrora; que, vindo como Espírito, não devem renegar nenhuma de suas palavras. Entretanto, Santo Agostinho olhava como heresia a crença na redondeza da Terra e nos antípodas. Sustentava a existência dos incubos e súcubos e acreditava na procriação pelo comércio dos homens com os Espíritos. Credes que a tal respeito e como Espírito não possa pensar de modo diverso do que pensava como homem e que hoje professasse essas doutrinas? Se suas idéias houveram de modificar-se em certos pontos, podem perfeitamente ter sido mudadas em outros. Se se enganou, logo ele, gênio incontestavelmente superior, por que vós mesmos não vos enganaríeis? Para respeitar a ortodoxia será preciso negar a Agostinho o direito, melhor dizendo, o mérito de retratar-se de seus erros?

“Atribuí a São Luís esta sentença ridícula, sobretudo em sua boca, contra a eternidade das penas: *Supor Espíritos incuráveis é negar a lei do progresso.*” (*O Livro dos Espíritos*, nº 1007).

Não é assim que ela é formulada. À pergunta: Haverá Espíritos que nunca se arrependam? respondeu São Luís: “Há os de arrependimento muito tardio; porém, pretender-se que nunca se melhorarão fora negar a lei do progresso e dizer que a criança não pode tornar-se homem.” A primeira forma poderia parecer ridícula. Por que, então, sempre truncar e desnaturar as frases? A quem pensam enganar? aos que apenas lerem esses comentários inexatos? Mas seu número é muito pequeno, perto dos que querem conhecer o fundo das coisas sobre as quais vós mesmos chamais a atenção. Ora, a comparação não pode senão favorecer o Espiritismo.

Nota – Para a edificação de todos, recomendamos a leitura da brochura intitulada: *Do Espiritismo, pelo Rev. Pe. Nampon, da Companhia de Jesus, Livraria Girard et Josserand, Lyon, place Bellecour, nº 30; Paris, rue Cassette, nº 5.* Rogamos também ler em *O Livro dos Espíritos* e em *O Livro dos Médiuns* os textos completos, citados resumidamente ou deturpados na brochura acima referida.

Orçamento do Espiritismo

OU EXPLORAÇÃO DA CREDULIDADE HUMANA

Sob esse título, um antigo oficial reformado, ex-representante do povo na Assembléia Constituinte de 1848, publicou em Argel uma brochura, na qual, buscando provar que o objetivo do Espiritismo é uma gigantesca especulação, faz cálculos dos quais resultam para nós rendimentos fabulosos, que deixam muito para trás os milhões com que tão generosamente nos gratificou certo abade de Lyon (Vide a *Revista* de junho de 1862). Para pôr nossos leitores em condição de apreciarem esse interessante inventário, citamo-lo textualmente, bem como as conclusões do autor. Tal extrato dará uma idéia do que pode conter o restante da brochura, do ponto de vista da apreciação do Espiritismo.

“Sem nos determos na análise de todos os artigos que aparentemente dizem respeito às provas do neofitismo e à disciplina da Sociedade, chamamos a atenção do leitor para os artigos 15 e 16. Tudo está lá.

“Aí verá que, sob o *pretexto* de prover às despesas da Sociedade, cada membro titular paga: 1^o – uma entrada de 10 fr.; 2^o – uma quota anual de 24 fr.; e cada sócio livre paga uma quota de 20 fr. por ano.

“As quotas são pagas integralmente por ano, isto é, adiantadamente: o Sr. Allan Kardec toma suas precauções contra as deserções.

“Ora, pelo *entusiasmo* que se nota em toda parte pelo Espiritismo, cremos ser modesto contando apenas 3.000 sócios para Paris, tanto livres quanto titulares. Tais quotas, pois, montariam 63.000 fr. por ano, sem considerar as entradas que serviram para montar o negócio.

“Só contaremos por alto os lucros com a venda de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*. Devem ser consideráveis, pois não conhecemos nenhuma obra em *maior voga*, voga firmada no insaciável desejo que leva o homem a penetrar o mistério da vida futura.

“Mas, do que precede, ainda não mostramos a mais abundante fonte de lucros. Existe uma revista mensal espírita, publicada pelo Sr. Allan Kardec, coletânea indigesta que ultrapassa de muito as lendas maravilhosas da Antigüidade e da Idade Média, cuja assinatura anual é de 10 fr. para Paris, 12 fr. para as províncias e 14 fr. para o estrangeiro.

“Ora, qual dos numerosos adeptos do Espiritismo que, em falta de 10 fr. por ano (cerca de 90 centavos por mês) se privaria de sua parte de aparições, evocações, manifestações de Espíritos e de lendas? Não se pode pois contar, na França e no estrangeiro, menos de 30.000 assinantes da *Revista*, produzindo um total anual de 300.000 fr.

“Os quais, com as quotas de 63.000 fr.
dão um total de 363.000 fr.

“As despesas a deduzir são:

“1^o O aluguel da sala de sessões da Sociedade, salários dos secretários, do tesoureiro, auxiliares de serviços e bom número de médiuns. Julgamos estar acima da realidade calculando essas despesas em 40.000 fr.

“Preço de custo da *Revista*: Um número de 32 páginas não custa mais de 20 centavos; os doze números do ano custarão 2 fr. 40 c., que, repetidos 30.000 vezes, dão a cifra de 72.000 fr.

Total das despesas 112.000 fr.

Subtraindo esses gastos dos 363.000 fr., resta para o Sr. Allan Kardec um lucro anual líquido de 250.000 fr., sem contar o da venda de *O Livro dos Espíritos* e de *O Livro dos Médiuns*.

“Do jeito como marcha a epidemia, dentro de pouco tempo a França será espírita, *se já não o é de fato*; e como não se pode ser bom espírita se ao menos não se for sócio livre e assinante da *Revista*, é provável que em 20 milhões de habitantes, de que se compõe aquela metade, haja 5 milhões de sócios e igual número de assinantes da *Revista*. Conseqüentemente, a renda dos presidentes e vice-presidentes das sociedades espíritas será de 100 milhões por ano, e a do Sr. Allan Kardec, proprietário da *Revista* e soberano pontífice, 38 milhões.

“Se o Espiritismo ganhar a outra metade da França, esta renda será dobrada; e, se a Europa se deixar infestar, não será mais por milhões, mas por bilhões que deve ser contada.

“Quanta ingenuidade, espíritas! Que pensais dessa especulação baseada em vossa simplicidade? Acaso poderíeis imaginar que do jogo das mesas girantes pudessem sair semelhantes tesouros? E agora estais edificados pelo ardor com que fundam sociedades os propagadores da doutrina?

“Não têm razão os que dizem que a estupidez humana é uma mina inesgotável a ser explorada?”

“Examinando agora os meios postos em prática pelo Sr. Allan Kardec, sua habilidade como especulador será a única coisa que não poderá ser posta em dúvida.

“Sabe ele que, na onda do sucesso universal das mesas girantes, acha-se toda feita, e sem custar um centavo, a coisa mais difícil de se conseguir: *a publicidade*.

“Ora, em tais circunstâncias prometer desvendar, por meio das mesas girantes, os mistérios do porvir e da vida futura, era

dirigir-se a uma imensa clientela, ávida por esses mistérios e, conseqüentemente, disposta a escutar suas revelações. Depois, pensando que os cultos existentes podiam lhe tirar um bom número de adeptos, ele proclama a sua decadência. Lê-se em sua brochura *O Espiritismo na sua expressão mais simples* (pág. 15): ‘Do ponto de vista religioso, o Espiritismo tem por base as verdades fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma, a imortalidade, as penas e recompensas futuras; *mas independe de qualquer culto particular?*

“Esta doutrina, feita por encomenda para seduzir o número sempre crescente de homens que já não querem suportar nenhuma hierarquia social, não podia deixar de surtir os seus efeitos.

(*Observação* – Em vossa opinião, pois, há muitos para quem o jugo da religião é insuportável!)

“O que nos surpreende extremamente é que, autorizando a pregação do Espiritismo, não tenha visto o governo que essa audaciosa tentativa contém o germe da abolição de sua própria autoridade; porque, enfim, quando a epidemia tiver crescido ainda mais, não é possível que, por injunção dos Espíritos, seja decretada a abolição de uma autoridade que pode ameaçar a existência do Espiritismo?

“Poder-se-ia, sem perigo, permitir as sociedades espíritas. Mas não seria uma medida sensata a interdição de suas publicações?

“A seita ter-se-ia limitado ao recinto das sessões e provavelmente jamais ultrapassaria o impacto das representações de *Conus* ou de Robert-Houdin.

“Mas a lei é atéia, disse a filosofia moderna; e é em virtude desse paradoxo que um homem pôde proclamar a derrocada da autoridade da Igreja.

“Este exemplo, diga-se de passagem, demonstraria a olhos menos clarividentes a sabedoria dos legisladores da antigüidade, que não acreditavam pudesse a ordem material coexistir com a desordem moral, ligando tão intimamente, em seus códigos, as leis civis e as leis religiosas.

“Se estivesse no poder da Humanidade destruir as criações espirituais de Deus, o primeiro efeito do Espiritismo seria arrancar a *Esperança* do coração do homem.

“Que esperaria o homem na Terra, se adquirisse a convicção (não dizemos a prova) de que após a morte terá à sua disposição, e indefinidamente, várias existências corporais?

“Esse dogma, que outra coisa não é senão a metempsicose tirada de Pitágoras, não é capaz de enfraquecer no homem o sentimento do dever e a lhe fazer dizer aqui: *Para mais tarde os negócios sérios?* A caridade, tão fortemente recomendada pelo Cristo e pela Igreja, e da qual o próprio Espiritismo afeta fazer a pedra angular de seu edifício, não recebe um golpe mortal?

“Outro efeito do Espiritismo é transformar a fé, que é um ato de livre-arbítrio e de vontade, numa credulidade cega.

“Assim, para fazer triunfar a especulação do Espiritismo ou das mesas girantes, prega o Sr. Allan Kardec uma doutrina cuja tendência é *a destruição da fé, da esperança e da caridade.*

“A despeito disto, que se tranqüilize o mundo cristão, pois o Espiritismo não prevalecerá contra a Igreja. ‘Reconhecer-se-á todo o valor de um princípio religioso (como diz o Sr. bispo de Argel, em sua carta de 13 de fevereiro de 1863, aos vigários de sua diocese), porque basta por si só para vencer todas as hesitações, todas as oposições e todas as resistências.’

“Mas há verdadeiros espíritas? – Não o negaremos, enquanto um homem sentir que a esperança não se extinguiu em seu coração.

“Que, há, pois, no Espiritismo? Nada mais que especuladores e papalvos. E no dia em que a autoridade temporal compreender sua solidariedade com a autoridade moral e apenas se limitar a proibir as publicações espíritas, essa especulação imoral cairá para não mais se levantar.”

O jornal de Argel, *Akbbar*, de 28 de março de 1863, num artigo tão indulgente quanto a brochura, reproduzindo uma parte dos argumentos, conclui que está devidamente provado, por cálculos autênticos, que o Espiritismo nos dá atualmente uma renda positiva de 250.000 fr. por ano. O autor da brochura vê as coisas ainda mais largamente, pois suas previsões a elevam daqui a poucos anos a 38 milhões, isto é, a uma cifra superior à lista civil dos mais ricos soberanos da Europa. Certamente não nos daremos ao trabalho de combater cálculos que se refutam pelo próprio exagero, mas que provam uma coisa: o pavor que causa aos adversários a rápida propagação do Espiritismo, a ponto de os levar a dizer as maiores inseqüências.

Com efeito, admitamos por um instante a realidade dos números do autor: não seria o mais enérgico protesto contra as idéias atuais, que ruiriam no mundo inteiro ante a idéia emitida por um só homem, desconhecido até seis anos atrás? Não é reconhecer a força irresistível dessa idéia? Dizeis que ela tende a suplantiar a religião e, para o provar, a apresentais adotada brevemente por vinte milhões, depois por quarenta milhões de habitantes, só na França; depois exclamais: “Não, a religião não pode perecer.” Mas se vossas previsões se realizarem, que ficará para a religião? Façamos também uma pequena estatística das cifras, conforme o autor: na França, 36 milhões de habitantes; espíritas, 40 milhões; resta para os católicos menos 4 milhões, porque, em vossa opinião,

não se pode ser católico e espírita. Se a Igreja é tão facilmente derrubada por um indivíduo com a ajuda de uma idéia extravagante, não é reconhecer que repousa sobre uma base muito frágil? Dizer que pode ser comprometida por um absurdo é fazer pouco caso do poder de seus argumentos e confessar o segredo de sua própria fraqueza. Onde, então, sua base inquebrantável? Desejamos à Igreja um defensor mais forte e, sobretudo, mais lógico que o autor da brochura. Nada é mais perigoso do que um amigo imprudente.

Não se pensa em tudo. O autor não refletiu que, querendo nos denegrir, exalta a nossa importância, embora o meio que emprega vai justo contra seu objetivo. Sendo o dinheiro o deus de nossa época, àquele que o possuir em maior quantidade não faltam cortesãos, atraídos pela esperança do espólio. Os bilhões com que nos gratifica, longe de afastar de nós, poriam até os príncipes aos nossos pés. Que diria o autor se, considerando-se que não temos filhos, o fizéssemos nosso legatário de algumas dezenas de milhões? Acharia a fonte má? Isto seria capaz de fazê-lo dizer que o Espiritismo serve para alguma coisa.

Em sua opinião, uma das fontes de nossas rendas imensas é a Sociedade de Paris, que ele supõe ter ao menos 3.000 membros. Antes de mais, poderíamos perguntar-lhe com que direito vem imiscuir-se nos negócios particulares; mas passamos por cima. Já que se vangloria de tanta exatidão, e esta é necessária quando se quer provar com cifras, se ele se tivesse dado ao trabalho apenas de ler o relatório da Sociedade, publicado na *Revista* de junho de 1862, poderia ter feito uma idéia mais exata de seus recursos, e do que chama o orçamento do Espiritismo.

Colhendo as informações alhures, e não em sua imaginação, teria sabido que a Sociedade, classificada oficialmente entre as sociedades científicas, não é uma confraria nem uma congregação, mas simples reunião de pessoas que se ocupam do estudo de uma ciência nova, que aprofunda; que, longe de visar o

número, mais prejudicial do que útil aos trabalhos, ela o restringe em vez de o aumentar, pela dificuldade de admissões; que, em vez de 3.000 membros, jamais teve cem; que não retribui nenhum de seus funcionários, nem presidentes, vice-presidentes ou secretários; que não emprega nenhum médium pago e sempre se levantou contra a exploração da faculdade mediúnica; que jamais recebeu um centavo dos poucos visitantes que admite e nunca abriu suas portas ao público; que, fora dos sócios *contribuintes*, nenhum espírita lhe é tributário; que os membros honorários não pagam qualquer quota; que entre ela e as outras sociedades espíritas não existe nenhuma filiação ou solidariedade material; que o produto das cotas jamais passa pelas mãos do presidente; que toda despesa, por menor que seja, não pode ser feita sem a deliberação do comitê; enfim, que seu orçamento de 1862 foi fechado graças a uma reserva de 429 fr. 40 c.

Esse fraco resultado invalida a crescente importância do Espiritismo? Não; ao contrário, prova que a Sociedade de Paris não é uma especulação para ninguém. E quando o autor procura excitar a animosidade contra nós, dizendo aos adeptos que eles se arruinam em nosso proveito, eles simplesmente responderão que é uma calúnia, porque nada se lhes pede e eles nada pagam. Poder-se-ia dizer o mesmo de todo o mundo e não se poderia devolver a outros o argumento do autor, com cifras mais autênticas que as suas? Quanto aos trinta mil assinantes da *Revista* nós os desejamos. “Caluniai, caluniai – disse um autor – e sempre ficará alguma coisa.” Sim, certamente; sempre restará algo que, cedo ou tarde, recai sobre o caluniador.

Injúrias, calúnias, invenções manifestas, até a intromissão na vida privada, com vistas a lançar a desconsideração sobre um indivíduo e sobre uma numerosa classe de pessoas, essa brochura, que ultrapassou de muito todas as diatribes publicadas até hoje, tem todas as condições exigidas para ser levada à justiça. Não o fizemos, malgrado as solicitações que a respeito nos foram dirigidas, porque é uma sorte para o Espiritismo e não gostaríamos,

à custa de injúrias ainda maiores, que ela não tivesse sido publicada. Nossos adversários nada poderiam fazer de melhor para seu próprio descrédito, mostrando a que tristes expedientes se reduziram para nos atacar e a que ponto o sucesso das idéias novas os apavora. E, poderíamos dizer, os faz perder a cabeça.

O efeito dessa brochura foi provocar uma enorme gargalhada em todos os que nos conhecem, e estes são numerosos. Quanto aos que não nos conhecem, ela lhes deve inspirar um vivo desejo de conhecer esse Nababo improvisado, que recolhe milhões mais facilmente do que se recolhem moedas, e a quem basta lançar uma idéia para fazer aderir a população de todo um império. Ora, como, segundo o autor, ele só atrai os tolos, resulta que este império é composto de tolos, de alto a baixo da escala. A história da Humanidade não oferece nenhum exemplo de semelhante fenômeno. Tivesse o autor sido pago para tal resultado e não se teria saído melhor. Assim, não temos de que nos queixar²⁵.

Um Espírito Premiado nos Jogos Florais

Reproduzimos textualmente a carta seguinte, que nos foi enviada de Bordeaux, em 7 de maio de 1863:

“Caro Mestre,

“No dia 22 de abril passado recebi do Sr. T. Jaubert, vice-presidente do tribunal civil de Carcassonne, presidente honorário da Sociedade Espírita de Bordeaux, uma carta em que me informava que a *Academia dos Jogos Florais* de Toulouse havia

²⁵ Escrevem-nos da Argélia, e o damos com reserva, que o autor da brochura fez parte de um grupo espírita; que seu zelo pela sua causa o tinha alçado à presidência; mas que, mais tarde, por não ter querido renunciar a certos projetos desaprovados pelos outros membros, fora destituído.

julgado o mérito das poesias admitidas ao concurso de 1863. Sessenta e oito concorrentes inscreveram-se na modalidade fábula; duas fábulas se destacaram: uma obteve o primeiro prêmio (a Primavera); a outra foi elogiada em ata. Ora, essas duas peças, diz-me o Sr. Jaubert, são *ambas* de seu *Espírito familiar*.

“Como esse fato era capital para o Espiritismo, eu próprio quis ser testemunha. Dirigi-me, então, a Toulouse, com uma delegação da Sociedade Espírita de Bordeaux, para assistir à premiação do *Espírito batedor de Carcassonne*. Assistimos, pois, à sessão solene dos prêmios e, depois da leitura da fábula premiada, misturamo-nos aos aplausos do público da cidade e vimos, pelos sufrágios e pelas honras que colheram dos distintos membros da academia, desmoronar sob os seus aplausos a hidra do materialismo e, em seu lugar, surgir o dogma santo e consolador da imortalidade da alma.

“Ao vosso lado, caro mestre, não passamos de meros intérpretes do nosso honrado presidente, Sr. Jaubert. Ele nos encarregou de vos comunicar esse feliz acontecimento, sabendo como nós que ninguém poderá, com tanta sabedoria, lhe deduzir as conseqüências, para o tornar útil à causa que temos orgulho de servir sob vossa paternal direção.

“Aproveitamos esta ocasião para testemunhar nosso reconhecimento ao excelente e honrado Sr. Jaubert, pela acolhida cordial e simpática que ele fez à delegação da Sociedade de Bordeaux. Tais testemunhos de amizade são preciosos para nós e nos encorajam a marchar com perseverança na via penosa e laboriosa do apostolado, sem nos determos nos obstáculos que aí poderíamos encontrar. O Sr. Jaubert é um desses homens que podem servir de exemplo aos outros; é um verdadeiro espírita, simples, modesto e bom, cheio de dignidade e de abnegação; calmo e grave como tudo o que é grande; sem orgulho e sem entusiasmo, qualidades essenciais a todo homem que se faz apóstolo de uma

doutrina, e que liga seu nome às corajosas profissões de fé que envia aos fracos e aos tímidos.

“Consideramos o triunfo do Espírito no Capitólio de Toulouse como uma vitória para nossa santa e sublime doutrina. Deus quer calar os sorrisos de ironia e de incredulidade. É sem dúvida por isso que permitiu que os doutos jurados premiassem a alma de um morto. Que o 3 de maio seja, pois, gravado em letras de ouro nos fastos do Espiritismo. Ele cimenta o primeiro elo da solidariedade fraternal que une os vivos aos mortos: revelação esplêndida e sublime que aquece e vivifica as almas pela radiação da fé.

“Para todos os espíritas que assistiam àquela solenidade, como era bela a festa! Despreendendo o pensamento do mundo material, eles viam na sala dos Jogos Florais, volitando aqui e ali, grupos de Espíritos bons, que se felicitavam por essa vitória obtida por um de seus irmãos e, irradiando sobre todos, o Espírito Clemência Isaura, a fundadora desses novos Jogos Olímpicos, tendo nas mãos uma coroa flexível para depositar, no momento do triunfo, sobre a fronte do Espírito laureado.

“Se há na vida momentos de amargura, também os há de inefável felicidade. Isto quer dizer que em 3 de maio de 1863, em Toulouse, eu vi, ou antes, nós vimos um destes momentos que fazem esquecer as tribulações da vida terrena.

“Recebei, caro mestre, etc.

Sabô”

É, com efeito, um fato importante este que acaba de se passar em Toulouse, e todos compreenderão a emoção dos espíritas sinceros que assistiam àquela solenidade, pois compreendiam as suas conseqüências, emoção descrita em termos tão simples e tão tocantes na carta que se acaba de ler. É a

expressão da verdade sem fanfarrice, sem jactância e sem bravatas inúteis.

Algumas pessoas poderiam admirar-se de que o Sr. Jaubert não tenha confundido os adversários do Espiritismo, proclamando, durante a sessão, e perante a multidão, a verdadeira origem das fábulas premiadas. Se não o fez, a razão é muito simples: é que o Sr. Jaubert é um homem modesto, que não procura fazer ruído e que, acima de tudo sabe viver. Ora, entre os juízes provavelmente havia alguns que não partilhavam de suas idéias a respeito dos Espíritos. Seria, então, jogar-lhes publicamente na face uma espécie de desafio, um desmentido, procedimento indigno de um homem elegante, diremos melhor, de um verdadeiro espírita, que respeita todas as opiniões, mesmo as que não são suas. Que teria produzido esse arruído? Protestos da parte de alguns assistentes, talvez escândalo. O Espiritismo teria lucrado com isso? Não; teria comprometido sua dignidade. O Sr. Jaubert, assim como os numerosos espíritas que assistiam à cerimônia, deram, pois, prova de alta sabedoria, abstendo-se de qualquer demonstração pública. Era um sinal de deferência e de respeito, tanto para com a academia, quanto para com a assembléia. Provaram mais uma vez, nesta circunstância, que os espíritas sabem conservar a calma no sucesso, como perante as injúrias de seus adversários, e que não é da parte deles que se deve esperar o incitamento à desordem. O fato nada perde em importância, porque em breve será conhecido e aclamado em cem países diferentes.

Os negadores de boa ou de má-fé, porquanto os há uns e outros, por certo dirão que nada prova a origem dessas fábulas, e que o laureado, para servir aos interesses do Espiritismo, poderia ter atribuído aos Espíritos os produtos de seu próprio talento. Para isto há uma resposta muito simples: é a honorabilidade notória do caráter do Sr. Jaubert, que desafia qualquer suspeita de ter representado uma comédia indigna de sua seriedade e de sua posição. Quando os adversários nos opõem charlatães, que

simulam fenômenos espíritas nos palcos improvisados, nós lhes respondemos que o Espiritismo verdadeiro nada tem de comum com eles, assim como a verdadeira Ciência não tem relação com os prestidigitadores que se dizem físicos; aos que quiserem dar-se ao trabalho de estudá-lo, cabe fazer a diferença. Tanto pior para o julgamento dos que falam daquilo que não conhecem.

Não podendo ser posta em dúvida a questão da lealdade, resta saber se o Sr. Jaubert é poeta e se, de boa-fé, não teria tomado como dos Espíritos uma obra sua. Ignoramos se é poeta; mas, se tivesse o talento de Racine, o meio pelo qual obtém suas fábulas espíritas não pode deixar sombra de dúvida a respeito. É notório que todas as que obteve o foram pela tiptologia, isto é, pela linguagem alfabética das pancadas, e que a maioria tivera numerosas testemunhas, não menos dignas de fé que ele. Ora, para quem quer que conheça esse processo, é evidente que sua imaginação não poderia exercer a mínima influência. A autenticidade da origem é, pois, incontestável e a Academia de Toulouse poderia certificar-se assistindo a uma experiência.

Damos a seguir as duas fábulas premiadas.

O LEÃO E O CORVO

(Primeiro prêmio)

Percorria um leão seus domínios imensos,
 Por um nobre orgulho dominado;
 Sem raiva a devorar vassalos indefensos;
 Bom príncipe afinal, desde que bem jantado!
 E nunca andava só; de sua juba em volta
 Apressados se vêem lobos, tigres, panteras,
 Leopardos, javalis; uma faminta escolta;
 E até raposas longe das feras.
 Ora, o monarca quis certo dia
 Aos campônios falar e à corte com alegria:
 “ – Companheiros, sois vós apoio à minha glória
 E submissos fiéis a uma gula notória,

Por entender-me bem que viestes vós,
Que por graça de Deus sou rei! Ouvi-me a voz:
Eu poderia... Mas, por que o poder citar?”
Logo o leão sem se embarçar,
Qual melhor não fizera experiente advogado
Ou bom procurador de inteligência astuta,
Dos deveres falou nos encargos do Estado,
Dos pastores, dos cães, da nova carta arguta,
Do mal que muita vez dele um tolo afirmou;
E cheio de emoção, matreiro terminou:
“Se o meu palácio deixo é pra vos dar prazer;
Vossas mágoas falai; verei o que fazer;
Touros, ovelhas... ouvirei com bondade.
Eu espero; falai com toda a liberdade.
Pois que! Todo o reino aqui reputo,
Sem um só infeliz! Nenhuma queixa escuto!...”
Velho corvo então o interrompeu,
E já livre no ar respondeu:
“Satisfeitos os crês; seu silêncio te toca,
Grande rei!... É o terror o que lhes fecha a boca.”

O OSSO PARA ROER

(Menção honrosa)

Ornado de um chapéu e com benevolência,
Um discípulo do extinto Vatel,
No pátio de seu grandioso hotel,
A seus cães ele dava audiência.
“Em vós, ele dizia, estou sempre a pensar;
Eu vos amo muito e é uma ação minha
Destinar-vos sobras da cozinha,
Este osso, este belo osso eu vou dar!
Mas só um vai gozar de meu grande favor;
Por justiça o darei ao mais merecedor.
Está aberto o concurso; atentai nos acertos.”
Um cão d’água famoso e dentre os mais espertos,
De uma tropa canina era outrora o primeiro,
Logo o dono saudou como alegre rafeiro,
Passeou ante os demais de olhar triunfador,
Latiu, morto se fez, mostrou-se ao imperador.
Eis que um dogue exclamou: “Que importa tal jactância!

Da casa e sem cessar cuidado da vigilância.
 Senhor, não esqueçais que um ladrão imprudente
 Caiu, no ano passado, em meu dente.”
 Disse um cãozinho então: “Valente e sem censura,
 Anos, já faz uns dez, vos sirvo com finura;
 E sempre, para vós, com este pequeno saco,
 Só para vos comprar no empório um bom tabaco.”
 “ – Eu amo, uivou Tayant, a fanfarra sonora
 Já me vistes na caça entre os retardatários?
 Ao menos me deveis raposas, coelhos vários;
 Eu sou sóbrio e submisso; e nunca o que devora
 A perdiz encontrada no laço.”
 E o osso enfim quem roeu? Foi um bassê já baço!
 Como o teria feito, outrora, um deputado,
 E que sem mais rubor, fará de novo, então,
 Diante do chefe pois, ventre ao piso colado,
 Lambeu-lhe alegre os pés e... o fez abrir a mão.
 Vós, bassês dos Chefões, de condição notória,
 Eis, ó vis bajoulos, vossa história.

Considerações sobre o Espírito Batedor de Carcassonne

Se se teimasse em acreditar na influência dos conhecimentos pessoais do médium na produção dos versos premiados pela Academia de Toulouse, não se poderia dizer o mesmo com as coisas impossíveis materialmente de conhecer. Entre mil, o fato seguinte é uma resposta peremptória a essa objeção. Nós a colhemos de uma segunda carta do Sr. Sabò.

Diz ele: “No dia 4 de maio, tendo partido a delegação de Bordeaux, fiquei mais um dia em Toulouse e, numa visita que fiz ao Sr. Jaubert, este me propôs uma experiência que aceitei com imenso prazer, porquanto jamais o tinha visto operar. Uma pesada mesa de quatro pés se achava em seu quarto; colocamo-nos um em frente ao outro e, após algumas evoluções da mesa, que obedecia

ao seu comando, esta voltou à posição normal; então ele me pediu que evocasse *mentalmente* um Espírito. Eis as perguntas feitas por ele e as respostas dadas pelo Espírito.

P. – Poderíeis informar o vosso sexo?

Resp. – Feminino. (Era verdade).

P. – Com que idade deixastes a Terra?

Resp. – Aos 22 anos. (Também era verdade).

P. – Qual o vosso prenome?

Quando o Espírito indicou seis letras formando *Félici*, o Sr. Jaubert julgou adivinhar e disse: “Deve ser *Félicie* ou *Félicité*.” Sem responder à sua observação, pedi que continuasse. O Espírito indicou um *a*. Eu estava muito emocionado e o médium temeu uma mistificação. Tranqüilizado a respeito, tendo dito que o nome era mesmo *Félicia*, ele continuou.

P. – Que grau de parentesco vos ligava ao Sr. Sabò?

Resp. – Eu era sua esposa.

Desta vez o Sr. Jaubert se julgou bem mistificado, pois sabia que minha esposa ainda pertencia a este mundo. Não dissimulo e estava muito contente: eu acabava de apalpar, se assim posso dizer, a alma de minha cara Félicia. Então expliquei ao Sr. Jaubert, *o que ele ignorava*, que eu era viúvo e casado novamente com a irmã do Espírito que acabava de nos dar uma prova irrecusável da manifestação da alma. Ele estava tão feliz quanto eu com esse resultado, embora me tenha dito que obteve fatos desta natureza, ante os quais a incredulidade mais absoluta deverá render-se, quer queira, quer não. A quem me disse: “Isto é impossível”, responderei com o Sr. Jaubert: “Incrédulos! Procurai de boa-fé e encontrareis.”

Por nossa vez diremos a esses senhores que eles têm em boa reputação os *incrédulos absolutos*, crendo que se renderão à

evidência. Há os que nasceram incrédulos e morrerão incrédulos, não que não possam crer, mas porque não querem crer. Ora, não há pior cego que aquele que não quer ver. Ultimamente dizia um sábio oficial a um dos nossos amigos que lhe falava desses fenômenos: “Jamais acreditarei que uma mesa possa mover-se e levantar-se, a não ser impulsionada pelos músculos do operador. – Mas se vísseis uma mesa manter-se no espaço sem contato e sem ponto de apoio, que diríeis? – Iguamente não acreditaria, porque *sei* que é impossível.”

Acreditais, então, que os Espíritos batedores de Carcassonne e do mundo inteiro, sem exceção, jamais conseguirão vencer essas incredulidades absolutas e preconcebidas. O que há de melhor a fazer é deixá-los tranqüilos. Quando em mil pessoas, novecentas e noventa acreditarem – o que não tardará muito – que farão os dez outros? Como hoje, dirão ainda que só eles têm bom-senso e que é preciso internar como loucos os noventa e nove por cento da população. Deixemos-lhes, pois, esta inocente satisfação e prossigamos nosso caminho sem nos inquietarmos com os retardatários.

A expressão “*sei que é impossível*” lembra a seguinte anedota: Um embaixador holandês, conversando com o rei de Sião sobre particularidades da Holanda, dos quais o príncipe se informava, entre outras coisas lhe disse que, em seu país, a água de tal forma congelava na estação mais fria do ano, que os homens caminhavam sobre ela e que assim congelada, suportaria elefantes, se os houvesse. Ao que respondeu o rei: “Senhor embaixador, até aqui acreditei nas coisas extraordinárias que me contastes, porque vos tomava por um homem honrado e probo; mas agora estou certo de que mentis.” Não é o equivalente do “*sei que é impossível*”?

Dirão certos negadores que o fato relatado acima nada prova, porque se o médium ignorava a coisa, o Sr. Sabò a conhecia perfeitamente. É, pois, o seu pensamento que se reproduzia. Assim,

seria o pensamento do que não era médium que se refletia na mesa, tê-la-ia agitado de modo inteligente para fazê-la bater as pancadas indicadoras das letras que expressavam o seu pensamento e isto sem a sua vontade, sem a participação de suas mãos? Singular propriedade do pensamento! Só este fenômeno, admitida a vossa teoria, não seria prodigioso e digno da mais séria atenção? Por que, então, desdenhá-lo? Absorvei-vos na composição de um grão de poeira, calculais cuidadosamente as proporções de seus elementos e só tendes desdém para uma manifestação tão estranha do pensamento! Se um novo raio do espectro solar se separar, logo estudaís as suas propriedades, sua ação química, calculais seu ângulo de reflexão, seu poder refrativo; porém, se um raio do pensamento se isola, agita a matéria, reflete-se como a luz, isto não desperta a vossa atenção! Dizeis: “De que adianta nos ocuparmos com isto? É apenas o pensamento!”

Mas como explicareis, com essa teoria, os fatos tão numerosos das revelações, quer pela tiptologia, quer pela escrita, de coisas completamente ignoradas por todos os assistentes, e cuja exatidão foi constatada, entre outros o de Simon Louvet, relatado na *Revista* de março de 1863? Do pensamento de quem tal comunicação poderia ser reflexo, levando-se em conta que foi necessário recorrer a um jornal de seis anos antes para o verificar? Será mais simples admitir tivesse sido o pensamento do jornalista que o do Espírito Simon Louvet? Então tendes muito medo de serdes forçado a confessar que a alma sobrevive ao corpo! E a idéia de ser aniquilado depois da morte vos sorri muito mais que a de reviver em condições mais felizes e de encontrar no mundo dos Espíritos as afeições que tereis deixado na Terra! Se vos comprazeis na doce quietude de acabar para sempre no fundo da cova e de adormecer no seio da podridão do vosso corpo, que mal vos fazem os que pensam o contrário e por que os perseguir como inimigos do gênero humano? Na razão de vossa crença buscai fazer-lhes o mal; na razão da sua eles não vo-lo fazem, mesmo que sem isso talvez se sentissem vingados de vossas injúrias. Eis a condenação das conseqüências sociais de vossas doutrinas.

Não nos recusamos a crer, dizem alguns dentre vós, mas nada podemos ver; impedem-nos até o acesso às reuniões onde poderíamos convencer-nos, só admitindo a entrada de pessoas convictas. A entrada às reuniões vos é recusada por uma razão bem simples: é que não quereis fazer o necessário para vos esclarecerdes, nem seguir o caminho que vos é indicado; é que vindes às reuniões não para estudar fria e seriamente, mas com um sentimento hostil, com o pensamento de fazer prevalecer vossas idéias preconceituosas e que na maior parte do tempo aí trazeis a perturbação; que sem o respeito ao caráter privado, conquanto não secreto, das reuniões, procurais aí penetrar pela astúcia, para satisfazer a uma curiosidade inútil e buscar temas aos vossos sarcasmos e muitas vezes logo desnaturar o que tiverdes visto. Tais os motivos de vossa exclusão, que nunca seria por demais rigorosa, já que seríeis nocivos a uns e sem utilidade para vós. Os que quiserem instruir-se honestamente devem prová-lo por uma boa vontade paciente e perseverante, e os meios não lhes faltarão. Mas não se poderia ver essa boa vontade no desejo de submeter a coisa às suas exigências, em vez de se submeterem eles próprios às exigências da coisa. Dito isto, deixemos os negadores em paz, esperando chegue a hora em que possam ver a luz.

A primeira resposta dada pelo Espírito Félicia poderia, para certas pessoas, parecer uma contradição. Diz ela que é do sexo feminino e sabe-se que os Espíritos não têm sexo. É verdade que não têm sexo, mas sabe-se que para se fazerem reconhecer se apresentam sob a forma que os conhecemos em vida. Para seu antigo marido, Félicia é sempre uma mulher. Não podia, pois, se lhe apresentar sob outro aspecto, que lhe teria perturbado a lembrança. Há mais: quando este entrar no mundo dos Espíritos, encontrá-la-á como era na Terra, sem o que não a reconhecerá. Mas pouco a pouco se apagam os caracteres puramente físicos, para não deixar que subsistam senão os caracteres essencialmente morais. É assim que uma mãe encontra o filho em tenra idade, embora, na verdade,

já não seja uma criança. Acrescentemos ainda que os caracteres materiais são tanto mais persistentes quanto menos desmaterializados os Espíritos, isto é, menos elevados na hierarquia dos seres. Depurando-se, os traços da materialidade desaparecem à medida que o pensamento se desprende da matéria. Eis por que os Espíritos inferiores, ainda presos à Terra, são, no mundo invisível, mais ou menos o que eram em vida, com os mesmos gostos e as mesmas inclinações.

Sobre este capítulo faremos uma última observação; é quanto à qualificação de *batedor*, dada erroneamente, em nossa opinião, ao Espírito que se comunica com o Sr. Jaubert. Tal qualificação não convém, como dissemos alhures, senão aos Espíritos que podemos dizer batedores de profissão e que pertenciam sempre, pela pouca elevação de suas idéias e de seus conhecimentos, às categorias inferiores. Não se daria assim com este, que prova, ao mesmo tempo, a superioridade de suas qualidades morais e intelectuais. Para ele a tiptologia não é um divertimento; é um meio de transmissão do pensamento, do qual se serve por não ter encontrado em seu médium a faculdade necessária ao emprego de outro. Seu objetivo é sério, ao passo que o dos Espíritos batedores propriamente ditos é quase sempre fútil, quando não maléfico. Podendo a qualificação de Espírito batedor ser tomada em mau sentido, preferimos qualificá-los como *Espírito tiptor*, termo que se refere à linguagem da tiptologia.

Meditações sobre o Futuro

POESIA PELA SRA. RAOUL DE NAVERY

Lida na Sociedade Espírita de Paris, em 27 de março de 1863

Observação – Embora não tenhamos o hábito de publicar poesias que não sejam produtos mediúnicos já

constatados, por certo nossos leitores nos serão agradecidos por fazermos exceção ao seguinte trecho de inspiração, a bem dizer espontânea, de uma pessoa que, até pouco tempo atrás, ainda relegava as crenças espíritas como utópicas.

Quando da morte a mão, golpes multiplicando,
 Outrora, a nossa volta, o luto semeando,
 Só assim nos consolava a nos ferir o ouvido:
 “Se no túmulo dorme um ser muito querido
 “É que a alma da prisão do corpo libertou-se,
 “Do invólucro pesado a um outro etéreo e doce;
 “Retornando afinal à origem primitiva,
 “De Deus desfruta, então, a força e luz bem viva;
 “Nele reencontrareis, um dia, e com fervor,
 “Ao invés do amor terrestre um imortal amor!”
 Agora, não é mais tão longínqua esperança
 Que em nossos males um clarão incerto lança;
 Futuro já não é aos mortos esquecer:
 Perto de nós estão, sem vê-los, a nos ver,
 Sentindo-nos a fé e nossos sofrimentos;
 Mensageiros trazendo a nós santos alentos,
 A responderem do Alto ao que aqui cogitamos;
 Apertam suas mãos as nossas se aspiramos
 Beijos de sua boca; enquanto de outra esfera
 Alentam nosso amor ao mistério da espera.
 Ao evocá-los nós, quais ocultos enxames,
 Claridade e calor nos sopram em derrames;
 Eles vêm! E pra nós tudo muda e se colora;
 De ignotos mundos nós pressentimos a aurora;
 Nos ilumina a mente um fulgor sideral,
 E adoramos, então, num silêncio total
 Todo o poder de Deus por eles revelado.

Responde! Ô eternal Saber se nos é dado
 Ofensas Te fazer! ao romper, santamente,
 O véu que limitava o olhar da humana gente?
 Seguidores fiéis, vamos de alma tenaz
 Do Evangelho rasgar os textos divinais?
 De homens convictos, não! Corações de valor,
 Fazemos depois dele o que fez o Senhor:
 Nós cremos: – Operar milagres nós podemos,

Cenáculos de luz dos lares nós faremos,
O Espírito a invocar cujas línguas de fogo
A serviço de Deus os simples ponham, logo.

Lá dos confins do céu soprai, ventos celestes!
Para longe de nós tangei trevas agrestes;
Espalhai vossa luz, ó candelabros de ouro,
E que da arca sagrada aclarai o tesouro!
Ó raios do Sinai! Sarça do Horeb ardente!
Espíritos do bem, tende o poder na mente,
Espírito, qual sopro a que sentiu passar
Por sua pele Job, seus pêlos a eriçar;
Ó vós que, destruindo as almas exaltadas,
Martirizando enfim turbas amotinadas,
Na Idade Medieval, um atormentador
Gerou o sanguinário algoz inquisidor;
Vinde! Que há sede em nós de ensinosa mais ordeiros;
Da infância há tempo já rejeitamos os cueiros;
Pois já nos fazem falta os nomes e as verdades
Que nos velhos sermões não tinham claridades.

De inertes multidões marchamos, hoje, à frente,
Se a Verdade a fulgir em luz incandescente
Nos devora e de nós quer mártires fazer,
Morreremos sorrindo e sem a desdizer.
Precedemos o tempo; a expressar como os Magos
Homenagens a Deus com orações de afagos.
E bem sabemos que de nós assim dirão:
“Esses poetas, enfim, sonhando loucos são!”
Seja! que assim também com deslustrante imagem
Diziam de Jesus, na hora que a criadagem
Bordoada na face e vestes lhe desanca,
Lançando-lhe, sublime emblema, a toga branca.
Disse Paulo: “É loucura, então, sabedoria!”
Coragem sem cessar, busquemos na harmonia;
Indaguemos do morto os possantes segredos;
Afastemos de nós certos sentidos tredos;
Este mundo em que Deus suas regras nos prova,
Como às águias nos muda e sempre nos renova!
Firmes por seu Direito, e fortes no poder,
Abriremos ao mundo as fontes do saber.

Virá o dia, – e creio, está bem perto a aurora, –
 Que a humana multidão, cansada, não mais chora,
 Por saber aplacar dos corações a sede
 Com a onda que sacia e o pranto em fogo impede,
 Virá nos repetir num imenso lamento:
 “Dai-nos da luz a fé e da esperança o alento;
 “Dai-nos com vossa mão toda a unção da virtude
 “Que nos eleva a frente à terra em lassitude.
 “Nossos olhos sem luz face à poeira imunda,
 “Fazei-os enxergar claridade fecunda.
 “Pronunciai o *Epheta* misterioso do Cristo!
 “Transfigurai a carne ao Ser preso em registo!
 “Vivos, nos colocai, portanto, dentre a coorte
 “Dos que se vêm mostrar após a ação da morte!
 “Os sepulcros, ah, não! já túmulos não são,
 “Porém corações maus, e caiados, então.
 “Os mortos instruirão a nós como viver
 “A fim de obter de Deus possamos reviver!”

E nós, que no Senhor sentimo-nos aceitos
 Para habitar na Terra em locais mais perfeitos,
 Abraçamos o irmão sem qualquer formalismo,
 Em nome do Evangelho! À luz do Espiritismo!

Raoul de Navery

Dissertações Espíritas

CONHECER-SE A SI MESMO

(Sociedade Espírita de Sens, 9 de março de 1863)

O que muitas vezes impede que vos corrijaís de um defeito, de um vício, é, certamente, o fato de não perceberdes que o tendes. Enquanto vedes os menores defeitos do vizinho, do irmão, nem sequer suspeitais que tendes as mesmas faltas, talvez cem vezes maiores que as deles. Isto é conseqüência do orgulho, que vos leva, como a todos os seres imperfeitos, a não achar nada de bom senão em vós. Deveríeis analisar-vos um pouco

como se não fôsseis vós mesmos. Imaginai, por exemplo, que aquilo que fizestes ao vosso irmão, foi vosso irmão que vos fez. Colocai-vos em seu lugar: que faríeis? Respondei sem segundas intenções, pois acredito que desejais a verdade. Fazendo isto, estou certo de que muitas vezes encontrareis defeitos vossos que antes não havíeis notado. Sede francos convosco mesmos; travai conhecimento com o vosso carácter, mas não o estragueis, porque as crianças mimadas muitas vezes se tornam más e aqueles que as mimam em excesso são os primeiros a sentir os efeitos. Voltai um pouco o alforje onde são colocados os vossos e os defeitos alheios. Ponde os vossos à frente e os dos outros para trás e tende cuidado para não baixar a cabeça quando tiverdes vossa carga à frente.

La Fontaine

A AMIZADE E A PRECE

(Sociedade Espírita de Viena, Áustria – Traduzido do alemão)

Ao criar as almas Deus não estabeleceu diferença entre elas. Que esta igualdade de direitos entre elas sirva de princípio à amizade, que outra coisa não é senão a unidade nas tendências e nos sentimentos. A verdadeira amizade só existe entre os homens virtuosos, que se reúnem sob a proteção do Todo-Poderoso, para se encorajarem reciprocamente no cumprimento de seus deveres. Todo coração verdadeiramente cristão possui o sentimento da amizade. Ao contrário, esta virtude encontra no egoísmo das almas viciosas o escolho que, semelhante à semente caída sobre a rocha árida, a torna infecunda para o bem.

Cercai vossa alma com o muro protetor de uma prece cheia de fé, a fim de que o inimigo, seja interno ou externo, aí não possa penetrar.

A prece eleva o Espírito do homem para Deus, liberando-o de todas as inquietudes terrenas, transportando-o para um estado de tranqüilidade, de paz, que o mundo não lhe poderia

oferecer. Quanto mais confiante e fervorosa for a prece, melhor será ouvida e mais agradável a Deus. Quando a alma do homem, inteiramente penetrada de zelo santo, eleva-se para o céu na prece íntima e ardente, os inimigos *interiores*²⁶, isto é, as paixões do homem, e os inimigos exteriores, isto é, os vícios do mundo, são impotentes para forçar os muros que a protegem. Homens, orai a Deus com toda confiança, do fundo do coração, com fé e verdade!

O FUTURO DO ESPIRITISMO

(Lyon, 21 de setembro de 1862 – Médium: Sra. B...)

Perguntas-me qual será o futuro do Espiritismo e que lugar ocupará no mundo. Não ocupará somente um lugar, mas preencherá o mundo inteiro. O Espiritismo está no ar, no espaço, na Natureza. É a pedra angular do edifício social. Podes pressagiar o seu futuro por seu passado e seu presente. O Espiritismo é obra de Deus. Vós, homens, lhe destes um nome e Deus vos deu a razão quando chegou o tempo, porque o Espiritismo é a lei imutável do Criador. Desde que o homem teve inteligência Deus lhe inspirou o Espiritismo e, de época em época, enviou à Terra Espíritos adiantados, que ensaiaram em sua natureza corpórea a influência do Espiritismo. Se tais homens não triunfaram foi porque a inteligência humana ainda não se achava bastante aperfeiçoada; mas nem por isso desistiram de implantar a idéia, deixando atrás de si seus nomes e seus atos, quais marcos indicadores numa estrada, a fim de que o viajante pudesse achar seu caminho. Olha para trás e verás quantas vezes Deus já experimentou a influência espírita como melhoramento moral.

Que era o Cristianismo há dezoito séculos, senão Espiritismo? Só o nome é diferente, mas o pensamento é o mesmo. Apenas o homem, com o livre-arbítrio, desnaturou a obra de Deus.

26 N. do T.: Grifo nosso. Exteriores, no original, devido a provável falha de revisão no prelo.

A natureza foi preponderante e o erro veio implantar-se nessa preponderância. Depois, o Espiritismo esforçou-se por germinar, mas o terreno era inculco e a semente partiu-se, ferindo a fronte dos semeadores que Deus havia encarregado de espalhá-la. Com o tempo a inteligência cresceu, o campo pôde ser arroteado, porquanto se aproxima a época em que o terreno deve ser novamente semeado. Todos admitem que o Espiritismo se espalha; até os mais incrédulos o compreendem e, se não o confessam, e se fecham os olhos, é que a luz ofuscante do Espiritismo os cega. Mas Deus protege a sua obra, a sustenta com seu poderoso olhar, a encoraja, e logo todos os povos serão espíritas, porque aí se encontra a universalidade de todas as crenças.

O Espiritismo é o grande nivelador, que avança para aplanar todas as heresias. É conduzido pela simpatia, seguido pela concórdia, o amor, a fraternidade; avança sem abalos e sem revolução. Nada vem destruir, nada vem subverter na organização social: vem renovar tudo. Não vejas nisso uma contradição: tornando-se melhores, os homens cogitarão de leis melhores; compreendendo que o operário é da mesma essência que a sua, o patrão introduzirá leis mais amenas e mais sábias nas suas transações comerciais; as próprias relações sociais se transformarão muito naturalmente entre a fortuna e a mediocridade. Não podendo o Espírito constituir-se em herdeiro, sentirá o espírita que algo há de mais importante para si que a riqueza, libertando-se da idéia de acumular, que gera a cupidez e, certamente, o pobre ainda aproveitará essa diminuição do egoísmo. Não direi que não haja rebeldes a essas idéias e que todos devam crescer, fecundados universalmente pela onda do Espiritismo. Ainda existirão refratários e anjos decaídos, pois o homem tem o livre-arbítrio e, a despeito de não lhe faltarem conselhos, muitos deles, não vendo senão de seu ponto de vista, que restringe o horizonte da cupidez, não quererão render-se à evidência. Infelizes! Lamentai-os, esclarecei-os, pois não sois juízes e só Deus tem autoridade para lhes censurar a conduta.

Pelo futuro que vos mostro para o Espiritismo, podeis julgar da influência que ele exercerá sobre as massas. Como estais organizados, moralmente falando? Fizestes a estatística de vossos defeitos e de vossas qualidades? Os homens levianos e neutros povoam boa parte da Terra. Os benevolentes representam a maioria? É duvidoso; mas entre os neutros, isto é, entre os que estão com um pé na balança do bem e outro na do mal, muitos podem pôr os dois na bandeja da benevolência, que é o primeiro degrau que os pode conduzir rapidamente às regiões mais adiantadas. Ainda há no globo uma parcela de seres maus que, no entanto, tende a diminuir a cada dia. Quando os homens estiverem perfeitamente imbuídos da idéa de que a pena de talião é a lei imutável que Deus lhes inflige, lei muito mais terrível que vossas mais terríveis leis terrestres, bem mais apavorante e mais lógica que as chamadas eternas do inferno, em que não mais acreditam, temerão essa reciprocidade de penas e pensarão duas vezes antes de cometer um ato censurável. Quando, pela manifestação espírita, o criminoso puder prognosticar a sorte que o espera, recuará ante a idéa do crime, pois saberá que Deus tudo vê e que o crime, ainda que ficasse impune na Terra, um dia ele terá de pagar muito caro por essa impunidade. Então todos esses crimes odiosos, que de vez em quando vêm marcar indelevelmente a frente da Humanidade, desaparecerão para dar lugar à concórdia, à fraternidade que há séculos vos são apregoadas. Vossa legislação se abrandará na razão do melhoramento moral, e a escravidão e a pena de morte não permanecerão em vossas leis senão como lembrança das torturas da Inquisição. Assim regenerado, poderá o homem ocupar-se mais com seus progressos intelectuais; não mais existindo o egoísmo, as descobertas científicas, que muitas vezes exigem o concurso de várias inteligências, desenvolver-se-ão rapidamente, cada um dizendo: “Que importa aquele que produz o bem, contanto que o bem se produza!” Porque, com efeito, quem muitas vezes detém os vossos sábios em sua marcha ascendente para o progresso, senão o personalismo, a ambição de ligar seu nome à sua obra? Eis o futuro e a influência do Espiritismo nos povos da Terra.

(Um filósofo do outro mundo)

Nota Bibliográfica

Em nosso último número, ao nos referirmos ao jornal *Vérité de Lyon*, dissemos que em breve Bordeaux também teria sua *Revista Espírita*. Vimos uma prova dessa publicação, que terá como título *Ruche Spirite Bordelaise, Revue de l'enseignement des Esprits*, e promete um novo órgão sério para a defesa e propagação do Espiritismo. Tendo os seus diretores solicitado o nosso conselho, nós os formulamos numa carta que julgaram por bem colocar no alto do seu primeiro número, declarando quererem seguir em todos os pontos a bandeira da Sociedade de Paris. Sentimo-nos felizes com uma adesão que não pode senão estreitar, pela comunhão de idéias, os laços de união entre todos os espíritas sinceramente devotados à causa comum, sem segundas intenções pessoais.

A *Ruche Spirite bordelaise* aparece nos dias 1^o e 15 de cada mês, em cadernos de 16 páginas in-8^o, a partir de 1^o de junho de 1863, Preço: 6 francos por ano para a França e Argélia. Redação em Bordeaux, 44, rue des Trois-Conils.

Allan Kardec